

E- Vou só pedir-te autorização para gravar. Tem de ser é da praxe. E quero que me digas o que teu nome, idade, habilitações académicas, há quanto tempo trabalhas aqui no Centro e quais são as tuas funções?

e - O meu nome: Sónia ..., tenho 31, a minha função aqui é animadora e professora de dança cigana e Hip-Pop. Habilitações literárias 12º e um curso de formação profissional de animação.

E- E há quanto tempo trabalhas aqui?

e- Ih, acho que são 9.

E- É mais ou menos o tempo de

e- É, o Paulo que saiu e entrou mas acho que é à volta de 9, 10 anos... é por aí.

E- Há muito tempo então.

e- É muito tempo! Já saiu muita geração.

E- (risos). Gostava que me fizesses assim uma caracterização do bairro, da comunidade, do que é que achas

e- [A maioria é cigana e é um povo muito característico, eles têm uma maneira de pensar muito própria, uma cultura muito definida. Aceitam bem a nossa maneira de pensar, a nossa outra maneira de viver porque não estão habituados, estão habituados a ser nómadas agora estão mais fixados num sítio, ainda há ciganos nómadas mas já é raro. Eles já preferem ter uma casa, já gostam de mais de comunidade (no Centro já mudaram, Graças a Deus) aaa aqui o homem é muito autoritário, a mulher é muito submissa, normalmente eles é que mandam, normalmente e quando se sente. Há poucas as mulheres que dizem: “Não, eu também mando e digo o que penso” mesmo que elas se queixem é mais com pessoas amigas ou família, não é mesmo com eles porque eles batem, são um bocado agressivos porque bebem muito e... elas têm uma coisa boa, para os miúdos, elas cuidam muito dos miúdos mas no momento em que eles começam andar já estão mais livres já, portanto: “Já andas, já corres, já te sabes desenrascar sozinho”, porque são pequeninos e logo a seguir, aquilo são por fazes. Uma coisa que elas gostam é de ser mães, aquilo acho que lhes ocupa o tempo, já me apercebi disso, e então quando um tem 6 elas têm outro que já tem 1 ano e então começam logo a deixar o outro... um

bocadinho às vezes, até se esquecem mas sempre com muito cuidado, eles têm aquela tendência quando um *tá* doente vai a família inteira. Há pessoas que não gostam, às vezes incomoda, principalmente nos hospitais, mas aquilo é o sentido que eles têm de quando acontece uma desgraça vai... aquela solidariedade que eles têm entre eles, isso é interessante, isso nós não temos, nós pode *tar* o vizinho mal ao lado e a gente passa ao lado, eles já não funcionam assim mas depois têm...como fazem, é uma coisa característica que toda a gente vai, dançam muito esquecem-se dos problemas, se passam fome esquecem-se, se estão mal também se esquecem. A dança é uma coisa que os liberta bastante e depois aaa, têm aquele... os miúdos em si, se forem rapazes e não querem ir à escola isso também noto que: “Olha o menino não quer...”, eles não gostam de obrigá-los, acham que tudo lhes faz mal. Nós temos aqui feito lhes ver que não é bem assim... eles podem ir, às vezes têm mesmo de ir (temos de conseguir em alguns casos) mas há outros que os pais já nem... é complicado! Quando estão com pais é uma coisa connosco é outra, mudam.

E- E a próxima pergunta era: quais eram os aspetos positivos que tu achavas que existe aqui no bairro, mas já percebi que tu achas que muitas das características que eles têm, enquanto ciganos, também têm muitas coisas negativas não é?

e- Não, são boas só que é assim, isto é um bocado complicado porque eles... primeiro temos de conhecê-los bem e há coisas que eu também não concordo, acho que eles deviam de trabalhar, no mínimo deviam de fazer nem que fosse um *part-time* para começarem a perceber que o dinheiro não pode cair assim do Estado ou que não é “Olha tenho a obrigação de dar” e nós aqui já estamos a mostrar que não é assim, porque isto não é um dado adquirido, têm também de merecer. Porque como nós temos de trabalhar às vezes também custa *né!* Porque ouço as pessoas dizerem: “Nós trabalhamos a vida inteira e não nos dão o rendimento mínimo e ficámos sem emprego” e a eles dão-lhes a vida inteira, isso às vezes é... eu também não gosto de ouvir *né*, a gente também sente. Por exemplo, eu noto nos miúdos mais novos que já vai havendo uma diferença, eles têm que ir para a escola, têm que fazer os cursos, obrigatoriamente, e depois acabam por gostar eee isso vai-se mudando... mesmo elas já (imperceptível) sem trabalho, as mais novas agora já querem fazer qualquer coisa para ganhar dinheiro porque vêm que o dinheiro já não chega, como antigamente (que é uma coisa que está a melhorar) e acho que devia de haver mais investimento do Estado nesse aspeto. Claro que tinha que haver pessoas para este trabalho, tinham que disponibilizar técnicos e isso é preciso coisas que

nós sabemos, é uma coisa que nós devíamos de fazer com a ajuda das pessoas que trabalham no terreno, não só aqui como outras partes do país, isso era excelente! Não digo a tempo inteiro porque para eles (imperceptível) é como a gente chegar ao pé de um povo, seja qual for, de repente tiramos tudo o que eles têm... isto é complicado, a gente não pode chegar ali e “Olha agora vais fazer assim”, é a mesma coisa que pôr uma burca a uma portuguesa e “Olha agora não falas mais”.

*[A entrevista é interrompida por uma pessoa que entra na sala]*

e- E acho que isso devia de haver, agora claro que... às vezes as pessoas é logo: “Ele é cigano” têm aquele preconceito, isso vai ser difícil de tirar das pessoas, mas quando se conhece e ao fim de trabalhar um certo tempo com eles, começa-se a perceber... eu lido muito com os miúdos e com os pais também não é, mas lido muito com os miúdos, e depois acaba-se por se perceber que eles funcionam igual a nós e torna-se engraçado e é preciso gostar. Já passou aqui muita gente e não... acham engraçado mas mais que isso não! Há pessoas que cortam o cabelo e vêm desmaquilhadas para aqui por causa dos piolhos e isso já não é bem assim... há ciganos que têm piolhos mas são aqueles que vêm de um acampamento ou que não estão inserido num bairro e isso é normal porque o desleixo é maior e não há ninguém a andar a os controlar

E- [Também não têm condições.

e- E que os ajude a perceberem (porque eles vivem assim um bocado num tempinho antigo), agora isto aqui não, nós aqui a gente fornece isso, as enfermeiras no projeto (imperceptível) eles tomam banho aqui e já nem é bem assim, nem têm metade, tanto que eu digo para tirarem e já aconteceu vários casos de os tratarem mal por causa dos piolhos.

E- Isso era uma coisa que te queria perguntar tu, por exemplo, tu és mulher e notas alguma diferença do tratamento dos homens ciganos em relação a ti?

e- É complicado! Antes não me levavam um pouco a sério agora já levam... e é complicado porque eu tenho uma personalidade forte e eles não gostam, gostam de uma mulher submissa e eu não, eu digo: “Não, é assim, tem de ser assim” e eles às vezes

(imperceptível) tenho de cumprimentar e eles dizem: “Sim senhora Dona Sónia” e tal e coiso. Eles depois acabam por perceber como é que eu sou. Em relação às mulheres, (para variar) às vezes não gostam ou porque há comentários posteriores “Ai a Sónia é assim ou assado” mas depois acabam por... aqui as minhas ciganas são muito más umas para as outras “Ai tu tás gorda” ou “tu tás feia” ou “tens o cabelo assim”.

E- Achas que existe divisões entre as famílias?

e- Sim e bastante. Eles não se dão todos muito bem.

E- Mesmo entre famílias ciganas em si e entre os que são ciganos e não ciganos também há...?

e- Existe, existe porque eles nem todos se dão bem. Há sempre um que diz qualquer coisa e o outro fica ofendido. Se há confusões muito grandes, normalmente eu tenho de sair (porque eu já noto), já aconteceu aqui e tive de sair, e noto que elas são... não diria inveja, mas se uma tem uma coisa a outra também quer, elas são muito assim do tipo de querer ter, poder ter muita coisa em casa. Eles têm todos aqueles televisores gigantes, aqueles plasmas, dvd's e essas coisas. Depois a gente acha que é superficial, mais vale ter outra coisa, ter comida em casa, mas elas não, elas é LUXO. Têm outra maneira de pensar e essa parte aí até é de ir buscar, têm televisões gigantes em casa, telemóveis, têm um bom carro mas às vezes falta outra coisa. Mas aqui já nem se nota muito isso e eles têm as duas coisas, aqui já são equilibrados, portanto que eu faço um jogo com eles que é o jogo da memória: “O que é que jantaram?” e eu falo com eles da comida, para já porque tenho um grande à vontade com eles e isso já ajuda, e eu gosto de certas coisas que eles gostam, comem comida assim muito típica alentejana e eles gostam de me ouvir falar daquilo que eu gosto porque eles gostam e eles acham imensa piada “O que é que a Sandra...” como eles chamam porque é portuguesa, “...gosta da nossa comida” (às vezes gostava de provar porque eles têm pratos completamente diferentes). Eles têm uma comida que é: o caldo da canja e depois põem massa e ovo lá dentro (não sei ao que aquilo sabe) mas aquilo parece, dizem que é tão bom e depois fiquei curiosa... há coisas engraçadas. Só que eu que eles às vezes são muito ruins, às vezes estão aqui e estão mesmo à espera de umas e de outras, por qualquer coisa, chamam nomes mas no gozo, ofendem-se naquela de picar, brincando, brincando mas lá vão dizendo. Gostam muito de ter coisas. Gostam de ter ouro, gostam de andar muito bem vestidas, gostam de ter essas coisas, ligam muito aos valores às coisas materiais.

E- E ao nível do bairro achas que o facto de eles estarem, de haver o problema da linha do comboio e do sentido único, achas que isso é um empecilho ou contribui para afastar o bairro da cidade?

e- Claro (só quem não tem dois dedos de testa é que ainda não percebeu) isto é ridículo. Para já porque eles têm que dar a volta inteira e a pessoas deixam de ir ao Lidl. Primeiro: porque têm de dar a volta ao bairro inteiro e assim não só têm de atravessar aquele bocadinho e isso isola... é assim não digo que isto não tenha problemas mas não são tantos como as pessoas dizem, há se calhar piores! Isto tem problemas e assim não aconselho pessoas a vir para aqui sozinhas à noite, não aconselho, tem que se conhecer porque eles têm um grupo não é?! Se for cigano eles vêm ver quem é mas sabem uns dos outros. Depois há aqui um grupo de portugueses, que alguns são de cor, e esses são mais agressivos...que são os que têm assim umas atividades menos próprias e a polícia está em cima deles, mas isso é mais complicado aí já não garanto mas os ciganos não fazem mal, aqui não fazem, não agredem nem nada disso. Só que acho não tem jeito nenhum às vezes parece que a Horta da Areia... e eu já... quando digo que trabalho na Horta da Areia fica tudo a olhar para mim a pensar “O que será que fazes lá, como é que tu vais para lá, não te fazem mal?” *HELLO*, é um mito tão grande que... às vezes é demais, eu já me apercebi e cada vez está maior. Dizem logo: “O que acontece lá? Há morte? Há facadas?” e eu digo “Há como noutro sítio qualquer” mas é esse mito.

E- Quais achas que são os problemas mais graves que as pessoas vivem aqui? Já falaste da segurança e do facto de estarem afastados da cidade.

e- É a questão da habitação. Está muito degradada apesar de eles terem partido, alguns degradaram por causa das maluquices (porque têm uns desvaneios de vez em quando) mas as casas estão muito... e depois passaram de geração para geração e as casas não aguentam. Depois a Câmara também não... isto é um bairro provisório e *tá* assim há tantos anos e eles também não querem insistir, querem que as pessoas invistam, só que o problema é que não há também, não há iluminação... só que eles às vezes partem, com outro tipo de iluminação, outros postos diferentes, a gente tem de adaptar coisas para os bairros (que há), outro tipo de postes, haver mais polícia aqui a passar... também é complicado mas a ver, assim não começam a estar assim tantos grupos concentrados porque as pessoas só sabem falar disso, que da Horta da Areia é que vêm e doutros sítios e do bairro dos bombeiros e depois juntam-se todos aqui e depois todos

juntos é muito diferente de um ou dois. É a parte da iluminação, as casas estão muito... os canos, alguns não têm casa de banhos alguns partiram outros as janelas não existem são tábuas e isso tudo dá um aspeto muito mau à casa. Às vezes perguntam se têm casa de banho, têm mas está tudo partido ou se têm água quente, normalmente não têm esquentador aquecem a água em cafeteiras e depois tomam banho e nós aqui temos o chuveiro. Eu tenho agora aqui dois miúdos que se passam com o chuveiro é uma festa, uma loucura porque a água vem quentinha não há aquela paragem, isto parece que não mas quem lhes tá a dar banho sou eu e para mim é a melhor coisa porque se vê alegria deles. Já incentivámos a reconstruir mas os canos está tudo partido e entopem muito e aquela zona ali quando chove faz um lago e sai tudo para fora, temos de estar sempre a chamar os bombeiros quando chove, faz ali um declive é horrível, inunda aquilo tudo. E isto está mal feito não era para durar tantos anos e não acredito que isto vá sair daqui tão cedo. Aqui cada vez há mais pessoas a casarem-se... alguns já estão a conseguir sair mas há outros que não conseguem e cada vez há mais barracas e vão-se acumulando todos em casa, há casas que têm 7 pessoas e torna-se muito complicado. Há outros que vão recuperando a casa, outros que pintam, elas gostam muito de pintar com cores, há aqui umas que aos poucos vão dando um jeitinho, pintam muito, põe muitas flores, cortinados, comprar aquelas coisas, elas gostam só que... outras não têm torneiras, está tudo partido, outros não têm luz dentro de casa têm velas, outras... aquilo acaba por se habituar mas se tivessem mais condições era muito melhor. Há muitos animais nas casas, eles deitam muito lixo. Fizemos a campanha Limpar Portugal e elas ajudam, os telhados também já uma vez arranjaram mas não foi suficiente.

E- E também com a proximidade da Ria vai-se degradando cada vez mais.

e- Há ali casas que não têm janelas e noto isso porque os miúdos vêm sempre constipados, e quando não têm janelas usam tábuas e aquilo passa vento, eles não usam aquecedores só mantas, as casas são muito frias de Inverno e eles andam sempre constipados eles passaram desde Outubro até Fevereiro sempre constipados.

E- E a nível do trabalho que vocês fazem aqui no centro comunitário com eles, que tipo de preocupações, o que vocês procuram um pouco

e- [Com os mais velhos?

E- Sim, com todos, com os jovens, com as crianças, com os mais velhos.

e- Com os pais há palestras, há tudo, há professoras mas eles agora têm educação noutra sítio já não é aqui o Estado mudou isso, normalmente vem aqui a “Medicis” que trata da saúde deles e encaminha-os para consultas, dão-lhes consultas para bebês, fraldas, champôs, dodots e essas coisas e aconselham sobre tudo o que têm de fazer. A nível jurídico também apoiamos no que conseguimos depois passamos para outras instituições que sejam mais adequadas, a nível de... telefonemas também podem telefonar porque há as urgências (pausa 3s).

E- Para suprimir um pouco as necessidades.

e- Tudo. Quase tudo. Encaminhamos, ajudamos quando eles não percebem, porque é assim eles têm muita dificuldade em perceber o português, alguns nem sequer têm a 4ª classe e nem sabem ler nem escrever, normalmente lemos sempre as cartas e temos de lhes explicar o que é porque não percebem o que está lá escrito e é normal.

E- É iliteracia.

e- Às vezes estão ao telefone e também não percebem e é a coisa mais simples para nós mas para eles é uma confusão. Marcamos consultas porque alguns perdem-se nos dias, alguns sabem outros não sabem em que dia é que estão, ficam assim um bocadinho perdidos. Ah, nós também temos os cursos do centro de emprego e depois temos os empregos para os mais jovens só que alguns fazem formações e a gente tenta ver se eles são incluídos (às vezes também são um bocadinho preguiçosos) mas tem que se andar atrás deles. Nós aqui fazemos várias atividades, é tudo um pouco, atividades de cozinha (quando consigo não é), é o banho, a higiene, tratar da aparência que é a parte do cabeleireiro, nós tratamos deles para irem todos muito giros com gel, fazer penteados, que elas adoram, a pintura que é a parte da beleza. Depois temos o lanche todos os dias à tarde, fazem atividades plásticas, decorativas, vêm vídeos, vão para colónias

E- (imperceptível) que eles tenham regras aqui não é, regras básicas de convivência, digamos assim.

e- Quase todas as regras possíveis e imaginárias. Tem que ser porque eles lá fora não têm, eles têm uma maneira de educação completamente diferente da nossa e senão, se eu fosse do grupo sem ter regras, provavelmente as pessoas ficavam chocadas não é?! A gente já viu um miúdo português a fazer um birra num supermercado e eles fazem isso com os pais, querem um chocolate o pai não deu e é uma birra descomunal e eles aqui

aprendem que não é suposto fazer, eles aqui têm a mania de se arranhar e mordem e digo que isso não está correto, que têm de dizer: bom dia, boa tarde, obrigada, se faz favor... não interromperem quando estou a falar com alguém, pedir sempre com licença, se vão comer têm que lavar as mãos, esperar em fila, não insultarem-se uns aos outros, não agredirem que às vezes é complicado, porque têm logo aquele impulso de: “ai fizeste-me isto vou-te dar”, logo aquela vontade eee como eles já me conhecem muito bem tem logo essa vantagem, abro os olhinhos um bocadinho mais...

E- E eles já sabem.

e- Eles já sabem e pedem logo desculpa porque eles depois percebem que perdem, é depois levado isso como uma coisa adquirida que é: “ela não se chateou comigo, estou-me a portar bem e isso é bom” isto depois, ao fim ao cabo isto depois torna-se uma coisa muito boa. “Hoje portei-me bem não portei?” e eles ficam super contentes. Normalmente levam daqui pão, quando a gente recebe que às vezes a gente recebe aqui umas coisas, pão ou um brinquedo e isso e a gente dá-lhes. De vez em quando damos e é tipo uma recompensa, eles aqui portam-se bem, pedem logo desculpa mas é aqui dentro... lá fora... há pessoas eu notam que lá fora não são mal-educados, se tiverem com o grupo ou a família já é diferente, é como qualquer criança que quando está com a mãe e o pai faz logo aquelas birrinhas mas nota-se diferença. Em qualquer sítio eles sabem estar, por exemplo, se forem para uma colónia eles sabem estar, sabem estar calmas, sabem respeitar. Pôr a mesa não sabem mas fazem agora, tirar já é pior mas fazem a cama, fazem-na perfeitamente, aprendem, gostam. Lá é paz, vamos passear, aquilo que normalmente fazemos com os nossos filhos, vamos ao shopping, vão à praia, à piscina, eles aqui não podem ir à praia... a mulheres a partir de uma certa idade acabou-se que elas podem ir mas vindo o período já não podem porque têm maminhas e as regras deles é que não que já está a mostrar demais e já não é de bom tom.

*[Falam sobre o ir à praia e a questão do preconceito devido ao peito]*

e- Podem usar topes, saias, mas ir à praia já é difícil depois a mãe já não quer e depois pode surgir um cigano e dizer: “ah eu vi a sua filha de cuecas”, depois é uma difamação ela pode ser muito falada e depois já não corre bem.

E- Gostava que me fizesses uma descrição da “Minoria do Gueto”, os jovens, enquanto grupo como é que os caracterizas? O Daniel, o Zé

e- [Muito divertidos. Complicados às vezes mas eles são... eu acho que são divertidos e espontâneos, esquecem-se um bocadinho do que se passa lá fora quando estão aqui dentro. Depois temos casos, o Daniel é muito mimado mas são muito extrovertidos, muito meigos, gostam de coisas novas. Tudo o que é coisas novas eles aceitam muito bem. Acho que as características deles é serem muito extrovertidos e meiguinhos, eles aceitam bem as coisas e depois são calmos. Agora *tão* na loucura das hormonas, na fase do namoro é complicado! Mas de resto acho que eles são calmos.

E- Eles aceitaram bem o teatro? Ficaram logo entusiasmados?

e- Logo, na hora! Ideias logo: “vamos fazer isto, vamos fazer aquilo”. Eles adoram essas coisas. Tudo o que é para sair e mostrar eles gostam. Eles gostam muito de espetáculo, gostam de dança, são um povo muito divertido e então eles gostam de mostrar, nós somos mais envergonhados. Pronto querem é mostrar, vamos embora! Querem é... gostam de festas, quanto mais festas melhor.

E- E a relação deles com a família como é que é?

e- É boa. Apesar de haver aquelas discussões de pai e mãe, normal, mas é boa. Elas como têm muitos filhos acabam por não dar tanta atenção ou não ligar tanto. Eles quando chegam aqui são muito chatos comigo, às vezes, no aspeto: “Sónia tenho fome, Sónia dá-me isto, Sónia dá-me aquilo” depois são muitos às vezes e sugam-me a energia porque estão sempre a pedir coisas. Pedem, pedem, pedem e eu: “e então quem me dá a mim”, ficam a olhar muito sérios para mim... pedem muita atenção como elas têm muitos não dá para dar atenção a todos, é complicado. Depois aqui a Samira é uma das que está sempre agarrada a mim, a Raquel (pausa 4s) e quando estou a fazer qualquer coisa com outra pessoa têm tendência a interromper.

E- E com as outras pessoas do bairro dão-se bem

e- [Depende, depende. Há umas que não gostam, há ciganos que são um bocado brutos com eles e eles não gostam, fogem logo outros que nem ligam, por exemplo, os ciganos não gostam dos miúdos de cor chamam-lhes de drogados e então não gostam deles e

nem sequer vão para ao pé deles, têm mesmo medo as miúdas e os miúdos. Eles são muito ciganos com ciganos.

E- E em relação ao Zé e à Verónica por exemplo?

e- Dão-se bem. As famílias dão-se bem e eles dão-se bem com os ciganos. Eles não fazem diferença, talvez os pais, mas eles não ligam a isso, a eles passa-lhes ao lado. Há noite às vezes à confusão com essas pessoas então eles como vêm os pais em confusão não querem, têm receio de *tar* ao pé deles. Há noite também eles bebem e ficam agressivos e é normal eles não quererem estar ao pé da confusão. Uma vez precisei de vir à noite e eles eram muitos cá fora, e aquilo dá um certo impacto, os ciganos mais retraídos mais em casa. Também é mais aquela postura de “eu sou mau”, tem que se saber lidar com eles. Uma vez precisei de falar com eles por causa de um cão que estava abandonado, um pitbul, e pensei que fosse de algum deles então chamei eles todos e andei com eles ali, e uma pessoa tem que saber falar com eles porque eles têm uma linguagem muito própria e também têm uma maneira de pensar muito própria e aquilo não se pode entrar em choque com eles, tem que se saber os levar um bocadinho, não se consegue nada à bruta com eles. Consegue-se falar com eles, com jeitinho.

E- E em relação aos jovens que tipo de vivências achas eles têm fora do bairro, que sejam marcantes para eles? Já me falaste das colónias de férias mas por exemplo, na escola achas que eles têm

e- [Na escola eles saem.

E- E sentes que eles são vítimas de algum preconceito?

e- Há aquela cigana que teve piolhos, que moram num bairro às vezes jogam em cara.

E- E eles contam-te esse tipo de situações?

e- Eles contam e os professores contam. Há uns que gostam muito deles mas de vez em quando há sempre... ali na primária eu não noto muito nos professores. Aqui na Joaquim já é mais complicado, porque as pessoas têm outra atitude e isto é preciso... devia de haver pessoas para mediar e para os acompanhar, devia de haver mais apoio porque isto é um choque muito grande porque eles têm uma mentalidade completamente diferente e depois integrar-se ali... eles integram-se mas depois tudo à volta tem de se explicar, isto parece ridículo mas não, assim têm explicar... isto não é como: “olha

agora vamos atirá-los para ali e eles que se desenrasquem” e às vezes não têm capacidade nem apoio em casa. Nem com o pai e a mãe conseguem falar, não percebem porque nem sequer foram para o ciclo. Devia de haver alguém a mediar porque acho que faz falta porque eles não se entendem, há falta de comunicação, depois claro gera conflitos. Há uns que fazem asneiras mas outros é falta de comunicação e há miúdos que são maldosos, como é cigano... e elas normalmente andam bem vestidas mas já trabalhei noutras escolas e já fiz o projeto CRIA e é uma diferença descomunal, as miúdas chegavam sujas à escola e é normal que haja preconceitos. Aqui não, aqui é impecável. É muita gente e o apoio não chega a toda a gente. As escolas também deviam de promover mas depois, isto é muito complicado e torna-se numa bola de neve porque é preciso dinheiro para isto e para aquilo... aqui não, aqui já temos uma instituição a trabalhar para isso é mais fácil. Eles quando têm problemas telefonam-me para ver se a gente consegue mediar a situação, é um coisa boa, isso nós conseguimos fazer mas não dá para tudo.

E- E o que achas que os jovens sentem em relação à comunidade? Por exemplo, os do grupo de teatro, achas que eles gostam de viver aqui?

e- Não!

E- Achas que eles têm vergonha?

e- Alguns têm porque as pessoas dizem logo “é da Horta da Areia?”, é logo. Outros gostavam de ir para um sítio com melhores condições, eles sonham com uma casa, com boas condições. Eles têm outra perspetiva dos pais, já pensam de outra maneira, querem ter tudo arranjadinho, ter as coisas delas, comprar, vaidosas e eles também muito vaidosos. E a gente também estimula muito isso para... porque é assim não é por ser pobre que tem que se andar mal vestido, não digo que tem de andar com marca mas que andem limpos, claro, já é meio caminho andando e isso eu tenho estado a incutir. Eles gostavam de morar noutra sítio com um espaço diferente, com jardim, eles gostam muito dos jardins de Faro, eles adoram isto, os mais novos já querem isso. Algumas gostavam de sair daqui para um sítio melhor, apartamento, casa, qualquer coisa melhor.

E- Como é que achas que vai ser o futuro deles, principalmente os jovens que já estão na fase de começar a pensar nessas coisas

e- [Digo a eles para começarem a trabalhar. Há umas que já querem... que lhes disse por exemplo que a via militar proporciona isso e é uma vida completamente diferente. Sempre se vai-lhes dizendo opções depois eles escolhem. “depois tens de fazer isto por uns anos ou podes tirar um curso profissional de cabeleireira ou unhas, depois podem trabalhar para a (imperceptível) e têm um emprego, ganham o vosso dinheirinho, podem comprar as vossas coisas” e elas já têm uma mentalidade diferente e querem fazer só que vamos ver como o caminho lhes flui, porque a família depois...

E- Achas que a família também passa

e- Pois um bocado, elas não podem trabalhar, como não é homem... deixa lá ver, eu tenho esperança que estas sejam mais rebeldes, mais diferentes e com menos filhos agora até têm menos vão até aos 8 mas menos ainda era melhor, que era para terem mais qualidade de vida.

E- Elas falam-te disso? É uma preocupação para elas arranjam namorado?

e- É! É um estatuto terem namorado e depois falam no casamento que só vão casar a uma certa idade, que para elas é aos 20, que é cedo mas já é melhor (imperceptível). Filhos, depois querem ter 2 e querem ter uma casa depois querem ver como é as coisas e “depois faço isto e faço aquilo” elas contam-me, elas falam muito e contam muita coisa e eu dou-lhes conselhos “pensa bem faz as coisas com calma”, nem todas são... são diferentes, “não te atires logo ao primeiro rapaz que te parece, escolhe, tens de ver se ele também é boa pessoa porque há alguns que são agressivos, não vale a pena escolheres logo um que depois te vai bater” não tem jeito nenhum *né*, alguns que são muito agressivos para as mulheres e depois batem e elas não têm necessidade de apanhar *porrada* por causa disso e depois quando bebem são muito mauzinhos. E elas se não se atirarem logo de cabeça têm mais tempo para pensar, quanto mais velhas forem mais maduras estão para pensar a situação em si. Agora vai casar a Miriam que vai fazer 18, portanto já pensa de outra maneira, já tem mais cabeça não é tão criança, é bom. Esta é a primeira que vai casar tão tarde, aqui no bairro. Normalmente é aos 13, 14 esta já tem 18.

E- Já é uma nova geração, uma geração diferente.

e- É! Esta é a geração que já passou por aqui. Há rapazes aqui que ainda querem gozar a vida, há uns que querem tirar a carta porque há ciganas que têm a carta, aqui no bairro

não há muitas, acho que não nenhuma... mas noutros sítios há. Então elas já pensam em tirar a carta e conduzir, não é só o marido, portanto isso é muito bom, elas estão a começar a abrir horizontes e eu vou-lhes abrindo “isto pode ser feito assim, de acordo com a vossa lei”, elas vão muito ao culto, o culto é o pastor delas e então... quando vão para o culto deixam de dançar, é possessão, estão a dançar para o diabo.

E- Agora é complexo essa questão.

e- Eles têm essa mentalidade e é difícil. E ele tem um grande poder sobre eles. Se ele disser, como aconteceu aqui há um tempo, que iam raptar crianças ninguém foi para a escola durante uma semana e a gente não consegue fazê-los pensar que é outra coisa. Há uns que não acreditam e há outros que acreditam muito e esse pastor tem aquele poder e depois dizem que ele cura pessoas é muito complicado, têm dvd's, aquilo é tipo Reino de Deus Brasil.

E- E em relação ao Teatro do Oprimido o que é que achas enquanto atividade para se fazer com os jovens?

e- É excelente! Eles adoram é a parte que eles gostam mais de ir e não se fartam e eles dedicam-se tanto, tanto, tanto a gente nota aí que é fixe. Gosto de ver a Isa a imitar vê-se mesmo que a miúda expande aquilo... sim, a representação é uma coisa interessante, fazem-lhes ver de outra maneira os papéis quando fazem de certas personagens, faz-lhes ver como é complicado, eles notam e é bom fazer personagens diferentes. Porque eles não têm isso em casa e aquelas coisas que a Júlia faz de controle e isso é muito bom para eles, ela diz para eles respirarem, e aquelas coisas que ela faz do “bu,bu,bu” isso é excelente para eles e relaxam e gostam de fazer isso. Então tudo o que é novidade, que é diferente e eles adoram, adoram a dança e o teatro.

E- E a ideia de misturar as coisas

e- [Ah ainda hoje me estavam a dizer: “ai eu gosto tanto do teatro e da dança”, “Gostas?”, “Gosto é tão fixe”.

E- Quais achas que são os aspetos positivos, para os jovens, de eles fazerem o teatro?

e- É porque eles fazem muitas atividades que os outros fazem e que pagam. É aí a diferença. Porque é assim eles têm que fazer um atividade têm que pagar em qualquer

sítio e eles aqui não pagam. Assim eles têm Hip-Pop, teatro, dança cigana, o cabeleireiro, para já ir ao cabeleireiro não vão...

E- Mas porquê?

e- Os rapazes normalmente deixam, os barbeiros, mas as mulheres não deixam, não querem, não aceitam. Elas fazem umas às outras. Normalmente há preconceito. Porque houve pessoas que as enganaram, outras porque vão lá e fazem figuras porque há sempre alguém que faz e isso é generalizado não é?! Elas vieram-me pedir para fazer às miúdas, tem que se ir com calma porque depois eles aproveitam-se, tem que se saber mediar a coisa.

E- E a nível das famílias achas que eles aceitam bem o teatro, acharam estranho?

e- Não, não, aceitam, é uma atividade e depois é assim desde o momento que estejam aqui tudo bem. É a tal coisa, confiam muito.

E- E achas que o teatro pode trazer algumas coisas positivas à vida deles

e- [Experiência, experiência. Controlar as emoções, saberem ter mais calma no momento de, em que esteja violência ou seja mais complicado mais tenso, têm mais controlo deles, pensam de outra maneira, têm outra visão, já sabem mais. Noto que às vezes com os pais não conseguem comunicar porque os pais são muito mais básicos que eles, eles já estão num nível mais acima (ainda bem!) já percebem melhor as coisas.

*[Fala do computador e da internet]*

E- E achas que o que eles representam nas peças deles tem a ver com a realidade deles ou os problemas que eles vivem?

e- Alguns são. Mesmo eles dizem, há uma pergunta e eles vão logo buscar coisas de casa, coisas que já viveram e querem mostrar várias versões. Por exemplo, isso do Hip-Pop é o estatuto...

E- A Sandra de não poder namorar com essa pessoa

e- [doutro sítio, aí já se identifica e poder fazer um desporto quando não fazia, o ballet que é uma coisa para gente muito fina. Eles vão buscar coisas que gostavam ou já viveram ou já presenciaram, isso é excelente! É preciso representar e ter essa sensibilidade.

E- E essa era a questão seguinte. Achas que o nível, o fato de eles estarem apresentar uma peça deles, faz as outras pessoas ficarem com outra ideia de quem eles são, do bairro, das pessoas do bairro, contribui para quebrar um pouco os preconceitos que existem?

e- Contribui mas acho que quando se apresenta aquela peça nem se deve dizer de onde é que vem depois sim. Para as pessoas estarem ouvintes porque (impercetível).

E – Achas que bloqueiam?

e- Logo. Ficam logo a olhar, ficam a examinar, eu noto isso. Normalmente quando apresento a dança cigana é logo... as pessoas ficam logo apreciá-las e lembro-me de comentarem: “ah ciganas todas jeitosas”... é assim... há ciganas que não se reproduzem tanto mas acho que não é comentários... comentários um bocadinho desagradáveis mas a maioria são comentários positivos porque acharam piada, era diferente. Elas são muito brincalhonas e dançam muito e as pessoas acabam por se cativar. Deve ficar em aberto, acho que não se deve dizer de onde vem, só no fim para as pessoas depois dizerem: “olha lá, elas são de lá e fizeram este trabalho tão giro ou empenharam-se tanto” e assim não ficam logo condicionados “oh são daqui...” normalmente funciona assim. Ou ficam a pensar que a professora é cigana e olham de lado e acham esquisito, “ela é portuguesa não é?” confundem logo mas ficam assim de pé atrás logo.

E- E chegámos ao fim.